



# Sonhando com um lugar no plenário

**CELSON FRANCO**  
Da Editoria de Política

A convivência diária com senadores e deputados cria, para os desavisados, a sensação de se estar participando do poder. Enganosa impressão. Vacinados contra esta miragem, 24 funcionários do Congresso decidiram mudar de lado e, aproveitando das primeiras eleições em Brasília, tornaram-se candidatos. Encantados com a possibilidade de conquistar um lugar no plenário da Constituinte, mergulharam, de corpo e alma, na campanha. Distribuídos por quase todos os partidos, eles estão procurando colocar em prática o aprendizado acumulado ao longo das batalhas parlamentares que tiveram a oportunidade de apreciar. Como Beatriz Soares, candidata pelo PND, que após taquigrafar discursos por 11 anos cultivava uma certeza: "Eu aprendi a fazer política".

Ex-pugilista e integrante da GEB (Guarda Especial de Brasília), ingressou no Congresso lavando banheiros, como auxiliar de limpeza, até que conseguiu a função de motorista, para depois "galgar" a posição de agente de segurança, mas "sempre contra a violência". Hoje está no PND, como candidato à Constituinte.

Seu nome é Alfredo de Camargo, mas atende entusiasmado se o chamam de "deputado". Era do Partido Nacionalista, quer defender a Nação contra o domínio das grandes potências, não admite o aborto, prega o fortalecimento das raízes familiares e diz que "se eu tivesse dinhei-

ro, pegava umas meninas, botava uns fio-dental nelas, arranjava umas motoca legal e saía por aí, convocando o povo a defender essa Nação".

Alfredo, que não tem santinho, nem cartaz, usa apenas um pequeno pedaço de papel, carimbado com seu nome e número. Já buscou contribuições do comércio, para defender a união das famílias e o fortalecimento das raízes, mas reclama que "só encontrou portas fechadas".

Diz que é um homem marcado: "Me chamam de maluco, porque eu contesto. Já fui até submetido à Clínica Pinel, mas aí eu falei com eles: tem um gato aqui, façam um exame nele, se ele for louco, eu também sou". Não fizeram o exame no gato, o que não lhe deixou dúvidas: "Eles só querem ganhar dinheiro".

Alfredo tem duas pirâmides. É delas que ele tira, às seis horas da manhã, a energia necessária ao dia-a-dia de candidato marcado pela falta de dinheiro e pela ironia de quem o chama de deputado. O poder ele tira de Deus, às cinco horas, "quando você ainda está dormindo". Espere acordar, no dia 16 de novembro, como deputado eleito.

Política, Nilza Carneiro, chefe do laboratório de análises clínicas da Câmara e candidata do PCN, faz há muitos anos. Uma política de assistência a funcionários da Câmara e à população flutuante do Congresso Nacional: "Todo mundo vem pedir minha ajuda, por causa do meu acesso aos parlamentares. Com isso, os meus amigos acharam que eu podia ser

candidata, e eu estou aí".

O Partido Municipalista Comunitário (PCN) tem dois candidatos e um sobrenome conhecido, que levou a funcionária do Senado Léa Sayão a tentar uma vaga na Câmara dos Deputados. Filha de Bernardo Sayão, ela reclama um tempo mínimo de 15 minutos na televisão para apresentar filmes com o seu pai. Tem apenas 30 segundos.

Além de sobrenomes, há também nomes conhecidos entre os funcionários do Congresso que disputam uma vaga na Constituinte. Entre eles está Nísio Tostes, peemedebista desde a primeira hora e chefe de gabinete do senador Pedro Simon.

Hoje está no Partido Social Cristão (PSC), porque "depois de 22 anos de resistência, desde 1964, não concordei com a entrada de determinadas figuras no PMDB de Brasília e com os acordos que o partido fez, sem consultar suas bases e aqueles que formaram a resistência ao longo de todos esses anos".

Apenas para não esquecer ninguém, vai aí a lista dos 24 candidatos: Maerle Ferreira Lima e Joselito Correia (PMDB); Paulo Xavier e Helena Carvalho (PFL); Benício Tavares (PDT); Mauro Dantas (PT); Cecília Queiroz (PTB); Nísio Tostes e Paulo Guimarães (PSC); Geraldo Lima, Paulo Cruz e Carlos Antônio (PPB); José Marliano, Alfredo de Camargo, João Neto e Beatriz Soares (PND); Léa Sayão e Gregório Victor (PMC); Nilza Carneiro, Orli Santos e J. Pingo (PCN); Fernando Conde e Otacilio Mendes (PMB); Joanir de Oliveira (PJ).